

Título: *A Abertura da Gaiola: Acompanhamento Terapêutico e Autonomia*

Autor: Marcos Salém Vasconcelos

Qualificação: Psicólogo e Acompanhante Terapêutico. CRP: 06/81731

*Resumo: Este trabalho pretende problematizar a temática da autonomia e sua interface com o acompanhamento terapêutico. A autonomia é citada como objetivo central em diversos dispositivos clínicos da saúde mental. No seu significado formal, presente nos dicionários, o termo se aproxima de um isolamento quase solitário. Mas é essa autonomia que almejamos para os nossos pacientes? A tese de que a autonomia se funda na relação, e portanto deve ser semeada nas relações, é defendida no presente trabalho. Em seguida, ela é ilustrada com passagens de um Acompanhamento Terapêutico.*

## ***A Abertura da Gaiola: Acompanhamento Terapêutico e Autonomia***

Neste texto pretendo expor e incitar reflexões sobre a temática da autonomia e sua interface com o trabalho do acompanhamento terapêutico (AT). Tenho a intenção de desenvolver pensamentos e fertilizar inquietações que não se encerrem ao final da leitura. Tal problemática será ilustrada com passagens de uma história que eu vivi. Uma história a dois, composta por encontros e desencontros que construíram um alicerce sólido para um vôo autônomo. Gustavo e eu nos acompanhamos por 1 ano e meio, almejando as asas da autonomia ... mas esses meandros libertários merecerão mais destaque daqui a pouco, e não agora. O acompanhamento terapêutico é uma das áreas de atuação do *Projeto Giramundo – Oficinas Terapêuticas e Inclusão*<sup>1</sup>, constituindo uma alternativa importante aos dispositivos clínicos padrões, como as oficinas e as psicoterapias, sediados na própria clínica.

A autonomia é comumente citada como um objetivo central nos projetos terapêuticos de AT, assim como em diversos dispositivos da rede de saúde mental, em especial naqueles que tratam a loucura. Onipresente, é um conceito fractal, que ganha vida em diferentes proporções e níveis. Fala-se em autonomia quando uma criança passa a controlar a urina e as fezes; quando um adolescente desenvolve pensamentos e valores próprios, que divergem daqueles sustentados pelos seus pais; ou quando um jovem passa a circular sozinho pelas ruas de São Paulo, ganhando o mundo a largas passadas.

Mas afinal, o que significa autonomia? Recorro ao dicionário Houaiss para nos auxiliar nesse percurso semântico. Dentre alguns significados para o verbete, seleciono três: 1) “capacidade de se autogovernar”; 2) “preservação da integridade do eu”; 3) “direito de um indivíduo tomar decisões livremente; liberdade; independência moral e intelectual”. Etimologicamente, autonomia é uma palavra de origem grega (*autonomía*), que significa “direito de reger-se segundo leis próprias”. Tais significações desenham um indivíduo autônomo como um ser independente, livre e íntegro, capaz de delinear o curso de sua vida como bem entender. Contudo, elas negligenciam uma dimensão essencial do existir humano: somos com os outros, co-existimos. Tal autonomia beira a solidão e o isolamento, sendo descrita como apartada do outro social que nos é fundante, ensimesmada em sua

---

<sup>1</sup> Tal projeto, sediado na Clínica da PUC-SP existe desde de 1996 e se volta ao tratamento de crianças e adolescentes com graves transtornos psíquicos, como autismos e psicoses infantis.

fuselagem íntegra e protetora, obedecendo suas regras próprias. Algo me diz que não é bem dessa autonomia que os profissionais da saúde se referem...

Dessa maneira, a composição harmônica entre o significado rigoroso do termo (presente no dicionário), e a condição humana de co-existência (ser-com-os-outros), funda um aparente paradoxo: para o desenvolvimento de um modo de ser mais autônomo é necessário o investimento nas relações, a fabricação de vínculos e conexões com os outros humanos e com o mundo. Autonomia se opõe à dependência, fusão, indiscriminação... mas também não se refere à solidão e ao isolamento quase idiossincrático. É necessário encontrar um ponto médio entre essas duas polaridades, um equilíbrio entre a compreensão pública e compartilhada do mundo, de colorido impessoal, e a vivência mais própria e única, exclusiva de um modo de ser. Nesse campo que a saúde habita, ou melhor, no trânsito livre entre essas possibilidades, no movimento. Trânsito entre o mundo público e globalizado, dos vencedores, das grandes corporações, da ciência, da sabedoria popular, do McDonalds, de um despretenso comentário sobre o frio que chegou de repente (*texto todos nós, ninguém*), e um mundo próprio, singular e autêntico.

Assim, a autonomia se funda na possibilidade de relação, bem como a saúde se funda no movimento existencial que só é interrompido na morte. Cada ser humano inventa o seu mundo, fabrica uma maneira de ser própria através de conexões específicas com as diversas possibilidades ao redor. Organiza os elementos do universo e se vincula afetivamente com quem se identifica. O eu é uma velocidade única no mundo, uma constante produção de inícios; uma clareira ávida por costuras no emaranhado de compreensões públicas no qual é lançado. Na loucura essas conexões e costuras não se efetivam. O que se verifica é um estancamento e paralisação desse movimento existencial, uma estagnação do processo de construção de si e do seu mundo, acarretando um esmagamento do sentido da vida. Há uma retração radical nas possibilidades de ser, um estreitamento da abertura que fundamenta o ser humano.

O desenvolvimento de autonomia junto a pacientes bem graves envolve, portanto, um desenclausuramento. Essa palavra comprida ecoava (e ainda ecoa) nos movimentos de reforma psiquiátrica, que ganharam força após a Segunda Guerra Mundial. Nessa época, ficou evidente o poder das instituições totalitárias e manicomiais em modular e produzir modos de ser, moldando a loucura como doença mental. A natureza patogênica dessas

instituições dissemina fluxos de homogeneização e mesmice, amortece desejos e cauteriza possibilidades relacionais e de conexão com o mundo. Em outras palavras, pulveriza qualquer nuance de autonomia.

Tornou-se necessário compor dispositivos terapêuticos que incentivassem as trocas e incitassem os desejos. Nesse sentido, a segregação social perdeu sua potência virtual e se tornou imprescindível a presença do “louco” no mundo, para que ele possa costurar um território existencial que conceda uma mínima autonomia de circulação simbólica e física pelas significações e trajetos públicos.

É nessa conjuntura que surge o acompanhamento terapêutico, um dispositivo clínico com a função de intermediar a relação de pessoas tão singulares e diferentes com o mundo e suas inúmeras possibilidades. Através do encontro único entre acompanhante e acompanhado, multiplicam-se vínculos, iluminam-se relações, semeiam-se sonhos e projetos de vida. Fio por fio, costura-se um enredo simbólico perdido, na busca pelo sentido que o paciente quer conceder à sua vida. Lançados nos caminhos e descaminhos do mundo, o terapeuta empresta seu corpo e sua história para que se lavre um território existencial inédito e se fabrique uma nova relação com o mundo. Portanto, é no mundo que se fertiliza a autonomia almejada, e não no interior de uma gaiola. Ela se faz nas relações.

Para ilustrar essas reflexões, vou descrever o percurso do AT realizado com Gustavo tendo o projeto de conquista de autonomia como pano-de-fundo. Gustavo é um jovem de 19 anos, que foi atendido pelo projeto *Giramundo – Oficinas Terapêuticas* de 1996 a 2007. A hipótese diagnóstica com que se trabalhou em seu caso foi a de Síndrome de Asperger, um tipo de autismo de alto-funcionamento. Desta maneira, ele tem uma memória incrível e conhece tudo sobre alguns assuntos específicos de seu interesse, como metrô, ônibus e alguns desenhos animados. Memoriza datas e fatos com perfeição cinematográfica. Contudo, tem dificuldades no plano afetivo e sentimental, nas relações interpessoais que envolvem maior intimidade e na capacidade de abstração e simbolização. Ele mora com os pais, uma irmã e um irmão, ambos mais novos. Na organização familiar, invertida para os padrões ocidentais-modernos, o pai, Fernando, é quem cuida da casa e dos filhos, enquanto a mãe trabalha o dia todo para sustentar a família. Nessa dinâmica, o pai é o responsável pelo tratamento do filho: foi ele quem sempre levou Gustavo às instituições que frequentou. A mãe se exime desta responsabilidade. Quando está em casa, Fernando

constrói gaiolas para vender e cuida dos muitos passarinhos que têm. Eventualmente, sai para passear com um deles ou coloca uma fita cassete com um canto original para que o passarinho aprenda a cantar assim como os outros de sua raça. Não parece haver a aposta num canto natural, simplesmente pelo passarinho ser um passarinho. Gustavo prefere ficar vendo televisão ou escrevendo em seus diários e listas, onde relaciona os vagões de metrô e as linhas de ônibus com os personagens dos seus desenhos favoritos, seus amigos da escola e os terapeutas de que mais gosta. Ele chama essas listas de composições.

Em 2006, aos 18 anos, uma dificuldade merecia destaque: apesar de conhecer muitos os caminhos de São Paulo devido sua grande facilidade de memorização, aliada ao incomum hábito de ler guias de rua, Gustavo não circulava sozinho pela cidade. Seu pai Fernando contribuía por manter seu filho engaiolado em casa, alimentando o seu medo de sair sozinho. Neste mesmo ano de 2006 foi definido o término do atendimento do Gustavo pelo projeto *Giramundo*. Nesses dez anos ele cresceu e se transformou, desenvolvendo principalmente sua capacidade de se relacionar com outras pessoas: era o momento de ganhar o mundo e experimentar novos desafios na vida. Para tornar essa transição menos abrupta, foi proposto um acompanhamento terapêutico, com o objetivo de semear essa autonomia dormente. Havia a intuição de que o dispositivo das oficinas havia se esgotado para ele, e a aposta que esse corte poderia ter uma função terapêutica.

O dispositivo do AT se insere na vida do paciente com maior profundidade do que qualquer outro dispositivo. Habitar esse território de tensão constante concede ao trabalho uma grande potência. No caso de Gustavo, essa autonomia foi sendo construída aos poucos, no tempo de sua possibilidade. Inicialmente ela foi trabalhada dentro de sua própria casa, nas relações familiares. Nesse âmbito, ser autônomo significava habitar essas relações com maior liberdade, abrir a porta de seu quarto sombrio e co-existir com a família de forma mais espontânea e natural. O AT teve a importante função de ponte relacional entre eles, assim como porta voz de um sentimento atuado pelos irmãos, que gostariam de conhecer mais o mundo íntimo e misterioso de Gustavo.

A abertura desse enclausuramento dentro da própria família concedeu ao paciente a confiança necessária para sair à rua. A autonomia agora seria exercitada em outro âmbito. Nesses caminhos, eu emprestava meu olhar em direção ao mundo, apostando que o caos urbano portasse alguma conexão que convocasse Gustavo a expandir seu território

existencial. O desenvolvimento de autonomia passava então pela ligação de Gustavo com as ofertas do mundo, e o trânsito suave por essas possibilidades. A circulação era exercitada com alguém, para que em breve pudesse ser realizada sem a necessidade de um acompanhante. Aos poucos, Gustavo foi se harmonizando com os movimentos da cidade e se interessando mais pela possibilidade de independência nos trajetos que fazia. O que era um projeto distante e racional, foi se tornando uma vontade próxima. Coube a mim incentivar e incitar esse desejo velado, apostando na sua existência e na capacidade dele ser realizado.

A conquista da autonomia de Gustavo também atravessou o mergulho em suas próprias águas. Ao longo dos nossos encontros aconteceram conversas sobre diversos assuntos, inclusive seu próprio modo de ser. Fui incentivando sua dimensão afetiva e simbólica com o intuito de possibilitar uma maior integração existencial e fortalecer a confiança que tem em si, visando galgar sua sonhada autonomia. E esta passou a ser a marca do trabalho terapêutico. Com um maior conhecimento de si mesmo, Gustavo ganhou a confiança necessária para desafiar seus limites e medos. Como se adentrasse num novo mundo semântico e simbólico, com muito mais possibilidades do que o anterior. Como se percebesse que as mesmas asas que sempre teve também podiam proporcionar um vôo diferente, mais flexível e solto.

Gustavo possui um mundo de significações próprias muito peculiar e complexo. Habita suas composições e listas com muita intensidade, compartilhando com poucas pessoas essa outra dimensão. *“É coisa minha. Muito complicada essa mistura de fantasia com realidade. Eles não entendem”*, diz Gustavo para justificar o fato de não contar aos seus pais sobre suas listas. Então, o AT cumpriu a função de nomear essa característica absolutamente pessoal e propor a flexibilização dessas regras em função de regras sociais e compartilhadas. Proporcionar um contorno subjetivo minimamente sólido para que o caos urbano não fosse mais tão ameaçador. A autonomia só pode ser pensada na abertura, no contato com outras pessoas, na conexão com as possibilidades ofertadas no mundo. O dispositivo do AT, por se realizar fora do enquadre da “clínica padrão”, deve incentivar o paciente a habitar esse mundo público e impessoal, para que assim ele possa circular com independência na rede de significações de sua cultura. A autenticidade só tem sentido frente a uma possibilidade de ser como todos, consciente das regras e dinâmicas do convívio com

os outros. Através dessa forma é que Gustavo pôde ir aos poucos conquistando um lugar de pertencimento no mundo e circulando de forma mais autônoma. Outrora, a gaiola era o único mundo possível. Ela se abriu. O vôo, inicialmente rasante e tímido, foi ganhando alturas. Agora a gaiola é para Gustavo apenas mais uma alternativa de habitação nesse mundo fértil de possibilidades.